



DISCURSO DE ELEIÇÃO/RECONDUÇÃO DO PRESIDENTE DO CNAS

PROF. DR. EDGILSON TAVARES DE ARAÚJO

Saúdo a todas, todos, todes e a quem não se reconhece nessas formas de tratamento, como eu sempre coloco. Saúdo quem está presente aqui no plenário, quem está nos acompanhando pelo mundo virtual e quem está também nos guiando e protegendo no mundo espiritual. Peço a bênção e agô (licença, em Iorubá) aos mais velhos e aos mais novos, para cumprir com muito orgulho, por mais um ano, o que a vida, a ancestralidade, meu Orí (minha cabeça) e meu Orixá designou: continuar presidente de um dos maiores conselhos de política pública do Brasil, no governo democrático e participativo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a quem tive muito orgulho de lutar e eleger.

Agradeço a confiança depositada no meu trabalho ao nosso querido Ministro do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, Wellington Dias, e também ao nosso Secretário Nacional da Assistência Social, André Quintão. Agradeço, especialmente, a cada conselheiro e conselheira nacional de assistência social que respeitosa e exercendo seu direito de voto pela aprovação da nossa recondução.

Agradeço de coração à Secretaria Executiva do Conselho Nacional de Assistência Social, na pessoa da Thaís Braga e a todas as pessoas que nos acompanham, pelo empenho, zelo, trato cuidadoso e respeito ao nosso trabalho coletivo — por aguentar, às vezes, muitas exigências que a gente faz. Sou uma pessoa exigente, mas temos seguido muito firmes, na irmandade.

Agradeço também à minha pequena grande equipe do Departamento da Rede Socioassistencial do SUAS (DRSP), da Secretaria Nacional de Assistência Social (SNAS). Sem vocês, sem a confiança, o carinho e a leveza que vocês me trazem, eu também não conseguiria estar aqui!

Não poderia deixar de agradecer à minha mãe, Edna Tavares de Araújo, a quem o destino tem me dado a oportunidade de cuidar. Ela tem uma doença autoimune e uma demência vascular. A ela, além de eu dever a minha vida, eu devo o saber viver defendendo valores humanitários, éticos e progressistas.

Agradeço também ao meu pai, in memória. Agradeço à minha querida amiga e militante do SUAS, ex-vice-presidente, que certamente seria ela quem estaria aqui contando com meu apoio nessa presidência: minha querida e grande Simone Albuquerque, com quem tanto aprendi!

Saúdo aqui todas as autoridades presentes!





São 20 (vinte) anos de serviço público, sendo 13(treze) como servidor efetivo do Estado brasileiro, já tendo passado por dois concursos públicos — um na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e outro na Universidade Federal da Bahia, mais 4 (quatro) anos como servidor temporário (professor substituto na UFBA), além de outros vínculos que tive com governos democráticos e na gestão de organizações da sociedade civil de grande porte, como a Federação Nacional das APAEs, da qual tive orgulho de ser gestor, e a SENSE International, uma organização internacional que trabalha com surdocegueira.

Isso demonstra também meu empenho com essa política pública, com a área da pessoa com deficiência e com a militância pela população em situação de rua. Se eu tenho três grandes militâncias na minha vida, são: a assistência social, a causa da pessoa com deficiência e a causa da população em situação de rua.

Ser reconduzido a uma função pública para uma prorrogação de mandato, sem alteração das condições originais, certamente é ainda mais desafiante. Pois, se até aqui chegamos é porque fomos guiados pela democracia, pelo republicanismo, pelo combate às desigualdades e às discriminações, e pela defesa intransigente da política pública de assistência social e do SUAS! *Adelante!* Seguirei com a parceria e irmandade da minha querida companheira vice-presidente Márcia Rocha, reafirmando nossos compromissos com as causas que defendemos. Principalmente, com dois compromissos:

- a dialogicidade respeitosa como princípio basilar do CNAS — buscando sempre agregar, somar, escutar, reconhecer as diferenças e valorizar o trabalho e a história de cada conselheira e conselheiro, da sociedade civil e do governo
- o espírito, corpo e alma dedicados à luta pela proteção social e pela justiça social, como a luz que ilumina nossos caminhos, que muitas vezes têm sido turbulentos, mas continuam nos guiando.

Em abril de 2023, ingressei neste conselho assumindo a coordenação da Comissão de Benefícios e Transferência de Renda. Em novembro, assumi a vice-presidência, devido à partida da nossa querida Simone, inclusive assumindo também os papéis que a ela estavam designados para a realização da 13ª Conferência Nacional de Assistência Social. Faltava um mês para a conferência e a gente estava assumindo tudo! Este ano, de novo, em junho de 2024, o destino, não por acaso, me levou legitimamente à presidência do CNAS.

Agora, um ano depois, sob a luz das sagradas fogueiras juninas, que reaquecem nossos corações — como nordestino que sou — com muita alegria e júbilo, assinamos mais uma vez esse histórico livro de atas do CNAS, que registra não apenas a história da política pública de assistência social, mas compõe um capítulo na história de cada um de nós, conselheiros e conselheiras da assistência social que aqui estão. Portanto, ratificamos o compromisso e o comprometimento com a valorização das histórias coletivas e individuais de todos que aqui estão.





Das histórias coletivas e individuais de todos que aqui estão: muito trabalho, escutas atentas e ativas, negociações, conciliações, acordos, bons combates, muita paciência histórica... Em bom baianês: *“muita agonia, viu?”*

Eu quero aqui e não poderia deixar de citar alguns números!

Nós realizamos 12 reuniões ordinárias do CNAS em um ano, três reuniões extraordinárias, quatro reuniões trimestrais com todos os conselhos, uma reunião centralizada e ampliada em Brasília com mais de 160 participantes; o II Encontro Nacional de Secretários Executivos; o II Encontro dos Usuários(os) do SUAS; o I Encontro Nacional das Entidades e Organizações da Sociedade Civil de Assistência Social; 4 (quatro) reuniões regionais.

Tivemos 73 publicações no Diário Oficial da União, sendo 40 resoluções aprovadas por este conselho. Destaco várias, mas queria enfatizar principalmente, a Resolução CNAS nº160/24, que destinou recursos extraordinários relacionados à medida provisória para o Rio Grande do Sul. Destaco também os Parâmetros Nacionais do SUAS para o atendimento a pessoas em sofrimento ou em transtorno mental no processo de institucionalização dos hospitais de custódia. Cito ainda a resolução que dispõe sobre a atualização da classificação do porte dos municípios no SUAS. A Resolução CNAS nº 182/25, uma conquista histórica nossa, que traz novos parâmetros para assessoramento, defesa e garantia de direitos das entidades da assistência social. A resolução que instituiu a Escola Simone de Educação Permanente Simone Albuquerque. Os parâmetros de funcionamento da Força de Proteção Social do Sistema Único da Assistência Social para emergências e calamidades, entre outras tantas.

Destaco também a convocação da nossa 14ª Conferência Nacional de Assistência Social, com grandes inovações: a inovação de termos as conferências livres e, também, pela primeira vez, este conselho está saindo à frente com uma ação afirmativa de 30% de cotas destinadas as(aos) delegadas(os), além de aumentar a proporcionalidade de delegados do Norte e Nordeste, que historicamente estiveram de forma desigual participando das nossas conferências. Essa é uma grande nova ação, enquanto ação afirmativa. Destaco também a convocação das Conferências Livres Nacionais no âmbito da 14ª Conferência Nacional de Assistência Social e estabelece diretrizes para sua realização.

Também tivemos quatro Grupos de Trabalho (GTs): um que está reformulando o nosso Código de Ética; o GT SUAS sem Racismo, criando uma política antirracista dentro do SUAS; as Conferências Livres; e o GT que está reformulando as Resoluções CNAS nº 14, 33 e 34.





Fizemos várias notas, entre elas, na época da eleição municipal, uma nota com uma campanha “por secretarias de assistência social com nome e sobrenome”; notas de repúdio a situações contra as pessoas em situação de rua que estão acontecendo.

Quero dizer que estamos com muita coragem, determinação, serenidade, conduzindo pautas polêmicas, mas que são necessárias e urgentes — como, por exemplo, a regulamentação dos benefícios eventuais, a mesa de negociação, entre outras coisas.

Não vou destacar aqui ainda as centenas de ofícios. Tudo feito com respeito ao tempo coletivo da participação social, da proteção social, em detrimento do tempo dos interesses institucionais ou pessoais de qualquer pessoa que aqui esteja — inclusive do governo. Sigo muito o que um provérbio iorubá nos ensina: “não se usa o relógio dos outros para trabalhar”! Assim, sigo isso inclusive quanto aos tempos de uma política pública de proteção social. Como diz também minha comadre, feminista negra e poeta Dedê Fatuma: “Orí o tempo crava Kawo!” Além do respeito ao tempo, prezo pelo respeito a cada história das pessoas aqui envolvidas nesse processo, aos legados de cada conselheiro e conselheira, a quem tenho extremo respeito. Convoco mais uma vez, a todas e todos com o axé de Paulo Freire, que nos ensina dizendo: “Ser capaz de recomeçar sempre, de fazer, de reconstruir, de não se entregar, de recusar burocratizar-se mentalmente, de entender e de viver a vida como processo, como um vir a ser.”

Assim, reafirmo aqui o meu compromisso em continuar seguindo rigorosamente os ritos do CNAS, a melhoria da desburocratização deste conselho, a ampliação da participação na gestão — inclusive com as nossas resoluções sendo colocadas em processos de escutas ampliadas — e combatendo as falácias que muitas vezes são ligadas ao nosso sistema de participação social: as falácias do participacionismo e do democratismo, travestidos muitas vezes de participação e controle social.

Nós estamos aqui para exercer a participação, não como um processo terapêutico, não como um jogo, uma moeda de troca, mas como controle cidadão. Por isso, devemos estar atentos aos ônus da participação e do controle social. Isso inclui a tempestividade nas respostas às demandas da sociedade, em especial àquelas que nos exigem urgência.

Nessa linha de gestão, reafirmo aqui algumas palavras que proferi há um ano atrás:

“Essa gestão não será uma gestão do governo e da sociedade civil. Essa é uma gestão social DE GOVERNO DO SUAS, de diálogo, de participação, de decisões para garantir o direito à assistência social. Esse Conselho Deliberativo é corresponsável pelos rumos da vida de milhões de cidadãos e cidadãs. Por isso, temos que ter como foco a missão pública que nos tem sido concedida, cientes de que não há outro caminho senão vencer três desafios: fortalecer as gramáticas do SUAS, respeitar e fortalecer as nossas institucionalidades, e democratizar cada vez mais o CNAS”





Quero dizer que contem comigo! Contem com a lealdade e a força do Oxê do Xangô, machado de duplas lâminas que guia minha vida e minhas ações. O Oxê simboliza duas faces: a dualidade de tudo que se concretiza no mundo — a vida e a morte, a verdade e a mentira, o bem e o mal, a ação e a inércia, a política e a politicagem, a justiça e a injustiça. Acima de tudo, o Oxê simboliza que quem o carrega nunca poderá atuar em favor apenas de uma pessoa, mas de todos, da coletividade. Quem carrega o Oxê conhece a lei divina e não pode levar as coisas para o coração, desejar ou pensar ou fazer o mal, pois sabe que existe a lei do retorno e da justiça do trovão.

Por isso, sempre afirmo mais um provérbio iorubá que diz: *“A raiva não faz bem a ninguém, mas a paciência é que é a mãe da bondade.”* Tenho a honra de carregar o Oxê em minhas mãos, de enfrentar os desafios como enfrentar preconceitos, discriminações e opressões, e de não tolerar racismo, sexismo, LGBTfobia, capacitismo, aporofobia, entre outras mazelas. Em bom baianês: esse tipo de gente comigo não se cria! Não passarão! Não passarão nesse CNAS enquanto nós estivermos nessa presidência!

Temos que enfrentar a luta do Estado fiscal contra o Estado social. Enfrentar aqueles que menosprezam a política de assistência social, que alegam, infundadamente, que o SUAS “enxuga gelo”. Quero dizer aqui, em alto e bom tom: o SUAS carrega o Oxê de Xangô e não é para “enxugar gelo”, mas para destruí-los com o fogo da justiça social. É o SUAS que destrói — e que pode destruir — os *icebergs* das desigualdades, das opressões e das violências que acontecem nesse país.

É preciso que a gente resgate aqui, nesse Conselho, cada vez mais, o que é o verdadeiro empoderamento da população, muitas vezes dita como vulnerável. São pessoas que são vulnerabilizadas pela sociedade que as exclui. É preciso resgatar a noção — que temos falado pouco — do que é emancipação, do que é protagonismo e do que é autonomia. A autonomia não é só ter renda para consumir, mas é ter clareza e lutar pelos seus direitos sociais.

Isso não se faz apenas com segurança de renda. Isso se faz com a articulação da segurança de renda com os serviços socioassistenciais, dos programas, dos projetos e das outras políticas públicas. Esse é o SUAS que nós queremos comemorar! E vamos continuar lutando, como lutamos nesses 20 anos. Vamos continuar lutando pela PEC 383!

E isso só se faz com um compromisso — não só do amor — mas daquilo que Bell Hooks nos ensina: de uma ética amorosa. Abro aspas e peço licença para dizer o que essa nossa grande feminista negra diz:





“O compromisso com a ética amorosa transforma a nossa vida ao nos oferecer um conjunto diferente de valores pelos quais vivemos, em grande e em pequenas escalas. Fazemos escolhas baseadas na crença de que a honestidade, a franqueza e a integridade pessoal precisa ser expressa nas decisões públicas e privadas. Quando vivemos de acordo com a ética amorosa, aprendemos a valorizar mais a lealdade e o compromisso com os laços duradouros do que o crescimento material. Embora ter uma carreira e ganhar dinheiro continue sendo importante, isso nunca vem antes da valorização e do cuidado com a vida e o bem-estar humanos.”

Frente a esses desafios colocados pelo contexto reacionário, de avanço do conservadorismo, das disputas políticas, nós temos que ter com o dever ético amoroso de lutar para garantir o direito à assistência social. Convoco a este Conselho, para que continuemos seguindo juntos, cumprindo o atendimento dessa política a quem dela necessitar — e não apenas a quem dela tem batido a porta e, muitas vezes, sequer têm conseguido a resposta para saber se há alguém atrás da porta. Nós precisamos retomar isso. O papel deste conselho é cumprir o que está designado constitucionalmente, o que está previsto na Lei Orgânica da Assistência Social e na NOB-SUAS. Por isso, precisamos fortalecer o financiamento e, principalmente, fortalecer a oferta de serviços socioassistenciais.

Esse é o compromisso colocado aqui, principalmente com a sociedade civil — estando eu no governo, sociedade civil de onde eu vim, onde eu continuo e onde continuarei mesmo estando no governo.

As vezes as pessoas falam sobre quem é de Xangô: “Ah, as pessoas se acham, né?” O povo tem esse estereótipo dos filhos de Xangô. E a gente sempre diz assim: “Não, a gente não se acha. A gente é! A gente não tem o Rei na barriga, mas tem o Rei na Cabeça”

Concluo aqui citando a querida cantora e compositora negra Luedji Luna, que fala um pouco daquilo que eu acredito que sou:

“Eu sou um corpo, um ser, um corpo só.

Tenho cor, tenho corte e a história do meu lugar.

Eu sou a minha própria embarcação, sou minha própria sorte.

E Je suis ici, ainda que não queiram não.

Je suis ici, ainda que não queiram mais.

Je suis ici agora.”





Agora quero dizer dessa forma: *Je suis ici*, “eu estou aqui”. Nesse nosso processo de prorrogação, de recondução de mandato, cada vez uma tônica maior pelo SUAS, diante de todos os ataques ideológicos, politqueiros e daqueles que não nos reconhecem.

E aqui termino, realmente, dizendo e conclamando, em alto, bom som e tom: conselheiros e conselheiras da assistência social de todo o Brasil, UNI-VOS! AINDA ESTAMOS AQUI! Contem comigo — em coração, pele, carne, sangue e alma!

Obrigado!

Brasília, 05 de junho de 2026

Edgilson Tavares de Araújo
Presidente do CNAS

